

ENTREVISTA

As políticas públicas e a tecnologia na trilha do desenvolvimento da agropecuária no Espírito Santo

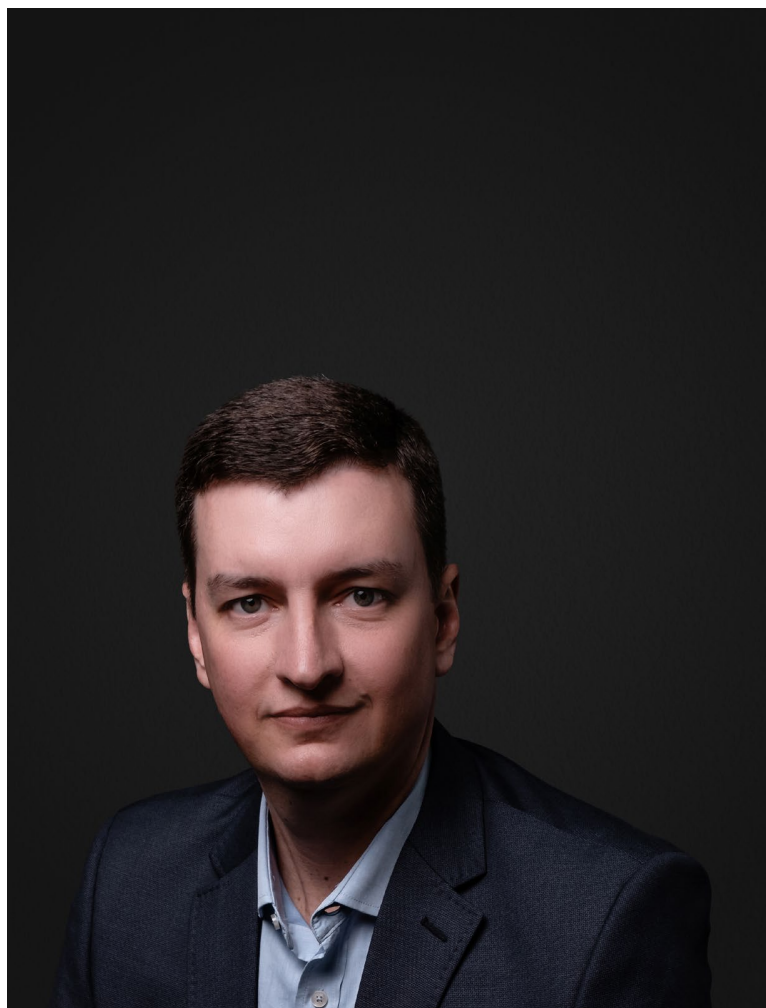
1 – Como as tendências de consumo devem nortear as políticas públicas na agropecuária capixaba?

As principais empresas de pesquisa de mercado, já há alguns anos, sinalizam que tem havido mudanças no comportamento dos consumidores em geral, inclusive no setor de alimentos e bebidas. Nesse contexto, destaco dois resultados de pesquisa do IBM Institute for Business Value: em 2021, 93% dos consumidores disseram que a pandemia da covid-19 influenciou a opinião sobre a sustentabilidade. Já em 2022, 62% disseram estar dispostos a mudar hábitos de consumo para reduzir o impacto no meio ambiente.

Dessa forma, fica evidente que esse tema precisa ser encarado com profissionalismo e, especialmente, com planejamento para que as cadeias agropecuárias do Espírito Santo estejam conectadas e preparadas para atender a essas demandas de consumo.

Essa foi a principal abordagem para a construção do Plano Estratégico de Desenvolvimento da Agricultura Capixaba (Pedeag 4), que tem como eixo central a **inovabilidade**, ou seja, inovar nas cadeias, mas tendo a sustentabilidade como premissa básica.

Foram estabelecidas iniciativas e metas para orientar a atuação das organizações no estado, a fim de que a nossa produção possa ser comercializada nos principais mercados mundiais.



Michel Tesch

Subsecretário de Desenvolvimento Rural (Seag/ES)

Portanto, analisar as tendências de consumo, num primeiro momento, pode resultar em vantagem competitiva, mas no médio e no longo prazo, representa a longevidade da atividade.

2 – Mercado: diante de cada vez mais acesso às informações e até mesmo dados relacionados aos processos de produção, fabricação e distribuição, a exigência dos consumidores por manejos e funcionamentos dentro de padrões de qualidade que respeitam normas ambientais e sanitárias são cada vez mais demandados. O Espírito Santo tem acompanhado essas mudanças e como enxerga o atual cenário?

Não só o estado tem acompanhado como tem estabelecido programas e projetos para acelerar o processo de transformação no campo. Um exemplo é a implementação



do currículo de sustentabilidade do café, por meio do qual são avaliados 39 indicadores nos eixos social, ambiental e econômico. É uma forma de sinalizar aos consumidores que a nossa produção está alinhada aos princípios ESG¹, nos posicionando como uma origem segura de alimentos.

Em paralelo, a rastreabilidade é um caminho sem volta, pois, os consumidores estão, de fato, buscando cada vez mais informações sobre o que estão consumindo.

Nesse contexto, é que surgem regulamentos como o EUDR, que é o regulamento europeu de produtos livres de desmatamento, por meio do qual foram estabelecidas regras para a entrada de produtos na União Europeia, criando barreiras para a produção oriunda de áreas desmatadas.

Daí surge a necessidade de criar mecanismos e plataformas que possam evidenciar o cumprimento das exigências e, mais uma vez, o Espírito Santo está alinhado.

O estado firmou parceria com a Comissão Europeia, por meio do programa AL-INVEST Verde, pelo qual, serão investidos 450 mil euros (cerca de R\$2,9 milhões) para o mapeamento das áreas de produção de café, cacau e florestas plantadas no Espírito Santo, além da implementação da plataforma Selo Verde ES, que utilizará dados do CAR² e do mapeamento para análise da adequação socioambiental das propriedades.

3 – A pecuária é uma atividade que movimenta boa parte da economia da agropecuária no Espírito Santo. Com mudanças por avanços tecnológicos e sistematizações como forma de inovação dentro das propriedades, onde se espera cada vez mais otimização dos processos internos, como está a atuação de forma interna do setor (da porteira para dentro)?

O termo pecuária é bastante abrangente. Portanto, vou me concentrar em duas cadeias do agronegócio capixaba.

No setor de avicultura, embora estejamos distantes das principais áreas de produção de grãos (o que encarece a produção), temos empreendimentos que se notabilizaram pelo uso de tecnologia e genética, fazendo com que tenhamos competitividade tanto no corte quanto na produção de ovos. É importante destacar que o município de Santa Maria de

Jetibá é o maior produtor de ovos do Brasil, chegando a produzir, diariamente, mais de 14 milhões de ovos de galinha.

Na bovinocultura de corte, o Espírito Santo, embora com rebanho pequeno em comparação com o Brasil, tem se destacado na produção de genética de excelência e na qualidade. O melhor lote de carcaças de machos no Circuito Nelore de Qualidade 2024 foi produzido no Espírito Santo, pelo pecuarista Dalton Heringer, que competiu com outros 326 pecuaristas de 12 estados brasileiros.

Em 2024, houve avanço nas exportações de carne bovina, com crescimento superior a 50% no período entre janeiro e outubro, quando comparado ao mesmo período em 2023.

Por fim, na pecuária leiteira, talvez resida o maior desafio, mas, com a estruturação do Programa de Desenvolvimento Sustentável da Cadeia do Leite, seremos capazes de superá-lo. Em 2023, o estado iniciou uma recuperação no volume total de leite produzido, chegando a 365,1 milhões de litros, o que representa um crescimento de 5,74% em relação a 2022, mas ainda muito aquém da capacidade instalada da indústria láctea.

Ao longo dos últimos anos, houve significativos investimentos no melhoramento genético do rebanho leiteiro, com subsídio para realização de inseminação artificial ou mesmo para produção *in vitro* de embriões, que é um mecanismo que traz resultados mais imediatos. No entanto, uma parcela expressiva dos pecuaristas de leite ainda possui dificuldade de planejar a alimentação dos animais para o período seco do ano, o que faz com que a produtividade média caia nesse período.

Diante disso, surgiram iniciativas, como a da cooperativa Nater Coop, que produz silagem de alta qualidade e a oferece aos seus cooperados praticamente a preço de custo. E pensando na produção em menor escala, o Governo do Espírito Santo distribuiu, em 2024, 40 ensacadoras de forragem, que é um equipamento simples, porém eficiente para que os pequenos produtores possam armazenar o alimento com segurança.

Além disso, têm sido realizados vários dias de campo para apresentação de materiais para produção de alimento volumoso, técnicas de manejo reprodutivo, melhoramento genético etc. Em paralelo, há capacitação constante das equipes técnicas e desenvolvimento de pesquisas voltadas a melhorar a produtividade e a rentabilidade da produção leiteira.

¹ Environmental, Social and Governance, ou seja, Ambiental, Social e Governança.

² Cadastro Ambiental Rural.



Por fim, há um tema que tem ganhado força ultimamente e que afeta todos os setores citados: o bem-estar animal. Os consumidores estão muito atentos aos modelos de produção e passam a exigir produtos que carreguem, em sua cadeia de valor, as práticas de bem-estar, mostrando que quem produz de qualquer maneira, muito em breve estará fora do mercado.

4 – A exigência crescente por mais conhecimento acaba “cobrando” dos produtores mais investimentos e adoção de novas abordagens para se adequar às demandas contemporâneas, com infraestrutura e capacitação aprimoradas. Como você avalia a percepção desses produtores diante dessa cobrança? Além disso, a pressão do mercado global acelera a necessidade de mudanças, até mesmo em mercados menores. Quais cuidados devem ser tomados para evitar que isso se torne um problema?

O primeiro e mais importante passo é estar atento às tendências, para não ser pego de surpresa. Logicamente, dada a diversidade da nossa produção, existem mercados distintos e perfis de consumidores dos mais variados. Por isso, é tão importante o ambiente de integração entre as instituições e organizações públicas, privadas e do terceiro setor no Espírito Santo. Com todos trabalhando de maneira convergente, as mensagens são mais facilmente transmitidas, acelerando a captação pelos produtores.

Em muitas situações, os aspectos de sustentabilidade ainda são considerados diferenciais competitivos nos mercados. Entretanto, muito em breve passarão à condição de pré-requisito, ou seja, o produto terá que ser sustentável para que entre.

As principais exigências, sejam regulatórias, de qualidade ou de sustentabilidade, normalmente surgem nos mercados que oferecem melhor remuneração. No entanto, com a agilidade de adequação das cadeias de suprimento e o avanço tecnológico e científico, essas exigências acabam sendo incorporadas em processos produtivos resultando em oferta até para mercados que, inicialmente, não as exigiam.

Um bom exemplo de política para fortalecer esse aspecto foi o Prêmio de Cafés Especiais do Espírito Santo, que, além da qualidade, estabeleceu uma categoria específica para a sustentabilidade, premiando os produtores que obtiveram

melhor resultado em uma análise de 39 indicadores, nos eixos ambiental, social e econômico.

E o mercado já reconheceu e valorizou. A Cooabriel, maior cooperativa de conilon do Brasil, acreditou no projeto e patrocinou exclusivamente toda a premiação, na qualidade e na sustentabilidade, alinhando seus interesses com a mensagem clara ao mercado exterior de apoio à qualidade sustentável.

O vencedor na categoria sustentabilidade, além do valor recebido pelo prêmio, ao final da solenidade de premiação, já havia fechado a venda de parte do seu lote inscrito por um valor superior ao dobro do preço de mercado usual para o perfil de café.

Por fim, tendo em vista o perfil de produtoras e produtores do Espírito Santo, caracterizado por pequenas propriedades, torna-se imprescindível compartilhar essas tendências e apoiar a sua incorporação nos processos produtivos. Assim, quando se tornarem pré-requisitos, os produtores capixabas já estarão adequados e à frente dos demais concorrentes.

5 – Os desafios da sucessão familiar na agropecuária capixaba: o Espírito Santo, hoje, possui boa capacidade, seja com programas e outros incentivos, para garantir a permanência dos jovens no campo e seguir o negócio familiar?

A tecnologia e a produção com qualidade sustentável têm sido os grandes impulsionadores da permanência ou do retorno da juventude para as propriedades. A nova geração de produtores tem conseguido conectar a sabedoria tradicional com as novas ferramentas digitais de produção e comunicação com muita velocidade, acessando novos mercados.

Outro fator preponderante é a evolução da conectividade, especialmente com as soluções via satélite, que avançaram muito nos últimos anos, ao mesmo tempo que se tornaram mais acessíveis.

Associado a isso, há diversas políticas sendo desenvolvidas para o segmento, seja pela iniciativa privada ou organizações de apoio, ou mesmo pelo poder público.

O Governo do Espírito Santo tem estabelecido relações de parceria com as escolas da pedagogia da alternância e os Institutos Federais para melhorar as ferramentas de formação



dos jovens. Também estimula a formação de grupos, que podem acessar recursos específicos nos editais do Fundo Social de Apoio à Agricultura Familiar (Funsaf), para unidades coletivas de produção e negócios.

É possível afirmar que nas pequenas propriedades os jovens estão se dedicando mais à produção com qualidade e aos aspectos de sustentabilidade, prezando pelas cadeias curtas de comercialização. Já nas propriedades maiores, percebe-se que os jovens estão saindo para estudar e retornando para compor a estrutura de gestão, prezando pela escala, eficiência no uso de recursos e adoção de boas práticas de sustentabilidade agropecuária.

Assim, em ambos os casos, temos presenciado uma benéfica transformação geracional no campo, sinalizando que o futuro do agro do Espírito Santo é promissor.

Por Daniel Borges

Assessor de comunicação do Incaper,
daniel.borges@incaper.es.gov.br



Apoio

Realização



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Ciência, Tecnologia,
Inovação e Educação Profissional



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Agricultura,
Abastecimento, Aquicultura e Pesca



"A inteligência coletiva é sempre maior que
a soma das inteligências individuais."
— Pierre Lévy

***Melipona mondury* Smith, 1863**

Conhecida como uruçu-amarela,
é uma abelha nativa sem ferrão da
Mata Atlântica, muito valorizada
na meliponicultura.



Foto: Felipe Bertholdi Fraga @fbfraga_photo